

## MÚSICA PARA SURDOS

MARCELO XAVIER VALENTE JUNIOR<sup>1</sup>; KETHELEN DA FONSECA BILHALVA DE LIMA<sup>2</sup>; REGIANA BLANK WILLE<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – juniormxv@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – Ketheelenbl@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos apresentar uma pesquisa que surgiu como fruto da demanda de um trabalho da disciplina de Libras I, em que tínhamos que demonstrar uma aula da nossa área destinada a uma pessoa surda. Juntar esses dois temas (música e surdez) foi um grande desafio, visto que um trata sobre a presença e outro sobre a ausência de sons.

Tivemos como base para o desenvolvimento do trabalho um aprofundamento sobre a vibroacústica e a partitura colorida, desenvolvida primeiramente por Celso Wilmer, professor da PUC-RJ e codificada por Igor Ortega, musicoterapeuta e pesquisador na área de música e surdez. Partindo dessas referências, desenvolvemos um meio acessível para possibilitar o contato da música como discurso e forma de linguagem (SWANWICK, 2003), para pessoas surdas.

### 2. METODOLOGIA

Ao definirmos o que é música no dicionário, podemos dizer que é “um conjunto de sons organizados”. A definição de som de que é uma onda vibratória que se origina em um material e que é propagada pelo ar em ondas sonoras até chegar em nossos ouvidos. A vibração estando presente nas ondas sonoras chega aos nossos ouvidos fazendo com que possamos ouvi-la. Lembremos também que tal elemento pode ser encontrado em superfícies diversas, agindo como reator de algum movimento ou atrito. Portanto, essa vibração pode ser sentida pelo tato, como por exemplo ao encostarmos em uma caixa de som, que além das vibrações que percorrem o ar até nossos ouvidos, também existem vibrações intensas na própria estrutura do aparelho que a emitiu, podendo ser sentida pelo tato. Quando pensamos em apresentarmos a música para uma pessoa surda, explorando o som de forma a ser captado para além da audição, temos como possibilidade explorar sua vibração. Voltando à definição inicial, podemos então dizer que para um surdo, música seria o conjunto de vibrações organizadas.

Rodrigues e Gattino (2015), em seu trabalho “Música, Musicoterapia e surdez: uma revisão literária”, relatam que existe a Terapia Vibroacústica que consiste em “vibrar” sonoramente um tablado de madeira, um auto falante ou instrumento musical, possibilitando que o surdo possa ter uma relação com a música, sendo essa, talvez o único meio que se trabalhe essa relação. Benenzon (1985) fala sobre soluções sensório-táteis para elencar a música ao surdo, possibilitando que as ondas vibratórias cheguem até sua pele, músculos e ossos, alcançando o sistema nervoso, fazendo com que o surdo perceba o ritmo, acentuação, altura, intensidade e duração do som.

Para mediar essa relação, utilizamos instrumentos musicais variados em que o aluno se relaciona com eles por canais sensoriais, originando uma unidade acústica, visual e motora, assim não se relacionando apenas pelos aspectos sensório-táteis (RODRIGUES e GATTINO, 2015). Pensando na possibilidade de uma pessoa com deficiência auditiva estudar a música mais profundamente, usamos como recurso a partitura colorida. Tal ferramenta propõe uma relação de notas musicais com cores e formas relacionadas aos intervalos musicais em formas de gotinhas de água para traduzir o tempo de duração das notas (RODRIGUES, 2015). Partindo dessa referência, adaptamos a partitura para que ficasse visualmente mais simples. Assim facilitamos a introdução do conteúdo musical e adquirimos melhores resultados. Nossa intenção é possibilitar uma musicalização de surdos a partir da infância, facilitar o processo de aprendizagem e a introdução de uma partitura com mais recursos.

## Atirei o pau no gato

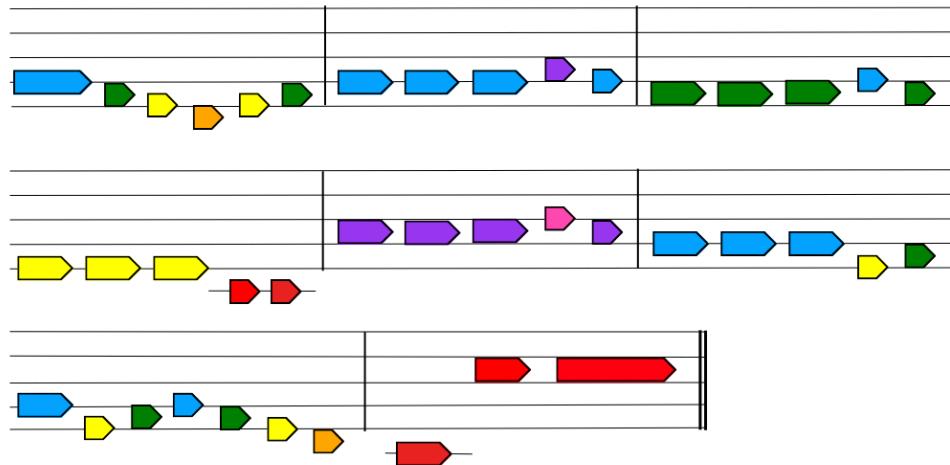


Figura 1: Partitura colorida adaptada

Portanto, este experimento consistirá em dinâmicas que irão ser realizadas pelo contato com a vibração sonora, através do tato. Considerando que o acesso a tecnologias maiores seria inviável, pensamos que a melhor alternativa para tal seria utilizar o instrumento violoncelo, porque seu corpo sonoro é maior e mais vibrante, possibilitando um contato mais eficaz.

Para introduzir o conteúdo, pensamos em alguns momentos com uma sequência lógica:

1. Explorar os parâmetros do som, sendo eles: altura, intensidade, duração e timbre;
2. Introduzir os graus musicais através de escala, a qual foi traduzida em imagem com cores (partitura colorida);
3. mostrar esses graus em uma música, para melhor entender a relação do que está escrito, com cada vibração.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Já se tem alguns trabalhos de acessibilidade referentes a música para pessoas surdas. Entretanto só foi possível alcançar tamanha evolução e eficácia através de avanços tecnológicos, em que se pôde desenvolver a eletroacústica, com a presença de aparelhos promovendo a amplificação sonora (HAGUIARA CERVELLINI, 2003).

Através desse trabalho, foi possível notar novas possibilidades para a introdução da música para surdos através de instrumentos com o grau adequado de vibração, visto a dificuldade de acesso a aparelhos tecnológicos. A partitura colorida utilizada da forma adaptada, se mostrou também eficaz fora do âmbito da surdez, com a utilização pela coautora Kethelen Bilhalva para o ensino de piano para alunos dentro do Transtorno do Espectro Autista.

#### 4. CONCLUSÕES

Com isso concluímos que através da vibroacústica utilizando instrumentos de grande vibração pode se ter uma alternativa para trabalhar música para e com surdos. Através da partitura colorida temos a possibilidade de trabalhar a escrita com pessoas surdas e até mesmo pessoas dentro do espectro autista.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAGUIARA-CERVELLINI, N. **A musicalidade do surdo: representação e estigma.** Plexus Editora, 2003.

RODRIGUES, I. O. e GATINNO, G. S. Música, Musicoterapia e surdez: Uma revisão literária. **Revista NUPEART**, 2015.

RODRIGUES, I. O. o uso da partitura colorida no aprendizado musical do surdo: contribuições e possibilidades. In: **ANAIS... 9º FEPEG 2015**, Unimontes, MG, 2015.

SWANWICK, K. **Ensinando Música Musicalmente.** Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho, São Paulo, Moderna, 2003